



A LENDA DE ST. TOMÁS DE AQUINO¹

Edmund Colledge, O.S.A.

Resumo: O artigo mostra as dificuldades e os problemas da interpretação da vida de santos e místicos medievais, em especial a de Santo Tomás de Aquino.

Palavras-chave: Hagiografia; Medieval; história.

Abstract: The article shows the difficulties and problems of interpretation of the lives of medieval saints and mystics, especially Saint Thomas Aquinas.

Keywords: Hagiography, Medieval, history.

Hoje é impossível escrever sobre as piedosas histórias narradas e escritas sobre homens e mulheres dos velhos tempos sem ser influenciado, intencionalmente ou não, pelo trabalho dos bolandistas e, em particular, por Hippolyte Delehaye. Ele mostrou que muitas (alguns escreveriam “todas”) dessas histórias não são verdadeiras, e, ainda mais importante, que aqueles que as propagavam estavam mostrando não um fato cientificamente verificável – na medida em que este conceito estava presente nas mentes medievais – mas construindo e simbolizando uma ficção. Graças a Delehaye e a sua escola, nós agora estamos advertidos e alertados para as circunstâncias que promovem tais invenções.

Delehaye não pode ter ignorado esta doutrina, que em sua própria vida se tornou tão conhecida, sobre a “interpretação econômica da história”. O dinheiro para ser adquirido, no lugar das oferendas dos peregrinos, ou em toda a Igreja pela disseminação de uma especial devoção, era um poderoso incentivo para aqueles que poderiam se beneficiar de modo a pressionar os pedidos de santidade, para associá-los com as orações feitas ou os objetos devocionais, para defender a posse das

¹ Artigo originalmente publicado em inglês em: PONTIFICAL INSTITUTE OF MEDIEVAL STUDIES. *St. Thomas Aquinas (1274-1974): Commemorative Studies*, Toronto, 1974, pp. 13-28. Tradução de Bernardo Veiga e revisão da tradução por Daniel Nunes Pêcego. O resumo e o *abstract* não são originais e foram acrescentados nesta versão portuguesa.

tumbas, santuários e relíquias. Um clássico exemplo são as guerras seculares entre os Cônegos Regulares e os Frades agostinianos sobre a Regra de Agostinho e os seus restos mortais em Pavia, que causaram escândalo até mesmo na Idade Média, endurecida por tais espetáculos não-edificantes.²

Se alguma organização estava ganhando fama ou riqueza através de uma forma de oração ou veneração associada a um de seus santos, as organizações rivais promoveriam devoções competitivas, e afirmariam que elas seriam originadas pelos seus próprios santos. Novamente, se algum desses tipos de visões ou milagres fosse entendido como especialmente impressionante nas mentes dos crentes, isso seria mais tarde afirmado para uma ampla variedade de místicos e taumaturgos.

O padrão normal de biografia evoluiu, fortemente influenciado pelas Escrituras e, em particular, pelas narrativas infantis relativas a Cristo e a João Batista. Os pais, e especialmente mães, eram quase invariavelmente piedosos, havia profecias pré-natais da santidade futura e maravilhosos e miraculosos eventos nos primeiros anos de tais crianças. A esses acontecimentos, nos quais os preconceituosos podem pensar de modo puramente natural, foram dadas explicações sobrenaturais. As anedotas primeiramente intentam mostrar as qualidades meramente humanas que foram moralizadas para indicar a divina intervenção.

Constantemente, nós devemos encontrar maravilhas idênticas ditas de muitos diferentes santos. Essas causas podem variar. Identidades poderiam ser transferidas, de modo que muitos santos cristãos estariam dotados com atributos e ações dos seus predecessores, frequentemente pagãos, às vezes míticos. As causas de tais transferências podem frequentemente aparecer na iconografia, sempre importante na evolução de qualquer culto entre os iletrados: assim, Perseu resgatando Andrômeda pode se tornar um santo guerreiro cristão, um sábio pagão voando em seu caminho se torna um Doutor da Igreja. A pintura de um evento, como o batismo de Cristo no Jordão, pode ser tomada para mostrar alguma coisa inteiramente diferente, como o sacrifício de um santo rei. Dois ou mais santos de mesmo nome podem sofrer uma fusão. Mas, acima de tudo, nós devemos achar que o plágio era considerado como um

² Nesta primeira metade do século XV, JOÃO CAPGRAVE, O. S. A. fez muitos apelos a sua própria Ordem e aos Cônegos Regulares pela paz e pelo reconhecimento mútuo de que eles seriam ambos co-herdeiros de Agostinho.

trabalho de piedade – “se o santo X deles foi alimentado por um corvo, então o nosso santo Y foi alimentado por uma pomba.”

Assim, também, o tempo todo se encontra o esquecimento e a inventividade humana. Testemunhas oculares dão diferentes representações do mesmo evento. Biógrafos afirmam que os seus sujeitos estão vivos quando os registros mostram que eles estavam mortos, que “as histórias” nos contam que um homem de família era de uma origem quando de fato eles dizem nada sobre a sua sorte.

Hoje, nós sabemos que tudo isso é assim; no entanto, mesmo quando a prática da hagiografia medieval estava em pleno andamento, havia alguns que a pensavam como um método inferior de honrar os santos. Quando Leão e dois outros companheiros de Francisco de Assis em 1246 enviaram o Ministro Geral das suas reminiscências, para o qual ele havia pedido, eles disseram no seu prólogo que eles não tinham escrito “na forma de *Lenda*”, que eles não tinham colocado “simplesmente o conteúdo para narrar os milagres, que não cria mas apenas demonstra a santidade”, mas que, ao invés disso, eles tentaram mostrar pelas próprias obras de Francisco o que era a sua verdadeira santidade. Mas, como o seu último editor tinha observado,³ eles não foram inteiramente bem sucedidos na sua empresa. A moda da época era forte de mais para eles, e apesar deles, os milagres se mantiveram na introdução deles mesmos.

Mas se nós também procuramos pela verdadeira santidade de um santo medieval como os bolandistas nos ensinaram a fazer, nós devemos nos precaver de um despedimento fácil demais de tudo que a Idade Média nos conta sobre ele como mera ficção. Delehaye viu quanto perigoso poderia ser os seus métodos se aplicados incriticável e inabilmente. Neste estudo perspectivo do culto de Ida de Toggenburg,⁴ ele adverte que eliminar simplesmente da sua lenda todo evento que parece para a mente do século XX incrível é empregar um sistema arbitrário, ilusório, confundindo a verdade com o provável. Ele nos lembra que quando em 1608 a Congregação dos Ritos proibia a recitação dos ofícios da Ida, Belarmino, o presidente, observava: “O problema não é tanto o santo quanto a sua história”; e Delehaye continua: “O douto

³ ROSALIND B. BROOKE, Ed., *Scripta Leonis, Rufini et Angeli Sociorum S. Francisci* (Oxford 1970) 86-87, 5.

⁴ “La legende de La bienheureuse Ida de Toggenburg”, repr. From *Nova et Vetera* 4, 1929, in *Mélanges d'hagiographie grecque et latine* (Brussels 1966) 347-352.

cardeal então definia a regra que deveria guiar as críticas: não misturar a personalidade do santo pelo retrato imaginado pelo hagiógrafo”.⁵

Embora muitos estudiosos hoje contentam em seguir a linha de Delehaye sem observar as suas precauções, escrevendo, por exemplo, da “personalidade humana... perdeu por baixo de camadas da lenda e da retórica, ou diluída à insipidez pela imaginação e o erro”,⁶ há ainda aqueles não satisfeitos com o uso “hagiografia” como um termo meramente pejorativo. Há alguns anos atrás Giuseppe Agnello produzia um forte ataque à “escola mitológica”,⁷ com o qual observava: “O desejo para discutir a personalidade de um santo por contradição a tudo atribuído a ele nas lendas não pode dar resultados aceitáveis para as críticas. Pelo uso desse critério alguém poderia reduzir todo santo, mesmo autêntico, a mera figura do mito”.⁸

Nada seria mais fácil para definir a desmistificação de Tomás de Aquino, como nós traçamos a evolução da sua lenda, para acharmos exemplos de todo erro e falta que tínhamos considerados. Havia um intenso conflito pela posse dos seus restos mortais, e aqueles que queriam que eles ficassem em Fossanova, aqueles que organizaram a passagem deles para Toulouse, conforme os relatos dos seus últimos dias para atender os seus objetivos opostos. É difícil não ver nas lendas, para encorajar a devoção para os seus objetos litúrgicos, a competição dominicana com as já estabelecidas confraternidades agostinianas (cujo estatuto, pode-se acrescentar, era igualmente uma história duvidosa). Se nós quisermos demolir o relato do desejo do moribundo para o arenque, tão surpreendente gratificado, nós poderíamos destacar que uma história similar era contada de Francisco, décadas atrás. Quando era uma criança nua em sua banheira, ele tinha produzido para as suas enfermeiras sinais da sua futura santidade; mas o mesmo, e muitos desses historiadores devem ter conhecido, foi dito de Bari. Influências sobrenaturais têm sido atribuídas a muitos eventos da sua vida que podem levar interpretações estritamente naturais, e isso é especialmente verdade na sua última doença. Até hoje, ele é a vítima das “histórias figuradas”, de modo que a sua pintura pode ser equivocada por Domingos ou Vicente

⁵ Ibid. 352.

⁶ M. D. KNOWLES, “Great Historical Enterprises, I: Bollandists”, *Transactions of Royal Historical Society* V vol. 8 (1958) 149.

⁷ “Tradizioni Agiografiche e Alterazioni Leggendarie”, in *Saggi e Ricerche in Memoria Ettore Li Gotti* (Palermo 1962) I 25-35.

⁸ Ibid. 25.

Ferrer, da sua irmã para nossa Senhora. Nas interrogações formais as poucas testemunhas restantes e de idade que o conheceram em vida não eram mais confiáveis do que a maioria, como veremos dos seus relatos da sua chegada a Fossanova. Seus biógrafos estavam propensos a seus próprios voos de fantasia, para que o apelido cruel dado a ele pelos seus estudantes seguidores tornasse uma homenagem a sua fotografia mítica real.

A partir disso tudo, precisamos nos preocupar com a sua lenda em tudo? Claro que devemos, e por muitas razões! Embora o intervalo de tempo entre a sua morte e a coleta de evidência para a sua canonização seja menor do que o usual, nós podemos observar naqueles poucos anos o crescimento das distorções, a introdução de ficções e a preservação da verdadeira tradição. A verdadeira tradição nos contará o que Tomás fez; no entanto, mesmo as distorções e ficções mostrarão o que os seus familiares pensavam que ele era, e qual foi a época na qual ele viveu, quando os homens esperavam que santidade interior fosse marcada pelos sinais externos e maravilhas.

Na sua vida e imediatamente posterior, Tomás não era dado como uma veneração universal. Destaca-se que João Peckham, que como um professor franciscano de Paris tinha se envolvido em um conflito público com ele, escreve à Universidade de Oxford em 7 de dezembro de 1284, chamando-o meramente de “*bonae memoriae*”, considerando que no próximo mês, nas Cartas para a cúria Romana, ele refere ao seu predecessor como arcebispo de Cantuária, Roberto Kilwardby, como “*sanctae memoriae*”.⁹ Mas a Universidade de Paris, onde ele tinha sido o centro de muitas tempestades, enviou as suas condolências para a Ordem dos Pregadores na sua morte, e perguntou a eles, e também o abade de Fossanova, pela custódia do seu corpo, claro sinal de que a sua veneração já estava crescendo.¹⁰ Como nós estudamos os ofícios compostos para as suas festas, e as suas representações populares, nós podemos ver quão rápido a lenda cresceu e quão largamente se difundiu. Mas na igreja dos velhos dominicanos em Maastricht, há afrescos com a inscrição datada de 1337

⁹ F. EHRLE ED. F. PELSTER, *Gesammelte Aufsätze zur englischen Scholastik* (Rome 1970) 67, 70.

¹⁰ P. MANDONNET, “La canonization de S. Thomas d’Aquin”, *Mélanges Thomistes* (Le Saulchoir 1923) 12-13.

(agora quase imperceptíveis, mas preservados em um desenho por Vítor de Stuers).¹¹ Lá nós vemos, para a edificação dos fiéis holandeses, o eremita Bonus de Roccasecca, com um pergaminho inscrito, confrontando a mãe de Tomás, Teodora, e profetizando a santidade do nascituro, a infância, areolado, segurando um pergaminho no banho, seu sequestro pelos irmãos, sua tentação pela cortesã e outras cenas lendárias. Acima de qualquer dúvida desses afrescos serem do comissionamento dominicano, eles mostram quão largamente e voluntariamente a lenda foi aceita.

Há, contudo, outra tradição iconográfica, igualmente antiga, de derivações muito mais sóbrias do que as pinturas e miniaturas “apoteóticas”. Se nós achamos esses nos livros de serviço tais como MSS Milan Coll. Hoepli XXXII e XXXIII, ambos do século 14,¹² nos detalhes tais que no “Último Julgamento”, painel na Coleção Philip Lehman em New York¹³ ou em tais afrescos como na igreja de Santa Catarina em Pisa, atribuídos a Francisco Traini¹⁴ e na Capela Espanhola de Santa Maria Novella em Florença, variavelmente atribuídos a André de Florença, Antônio di Bonaiuto e Tadeu Gaddi, e, de acordo com Küntle, inspirados pela pintura anônima executada em Fossanova em 1323, o ano da canonização de Tomás,¹⁵ eles mostram regularmente as características recorrentes. Ele é retratado ensinando, e isto é usualmente indicado segurando um livro ou livros, frequentemente inscrito com o texto dos seus escritos – em Pisa, a abertura da obra *Contra Gentiles*.¹⁶ Acima, ele está envolvido por uma grande auréola, variadamente habitada por Cristo no centro, os apóstolos Pedro e Paulo, os evangelistas, ou Platão e Aristóteles – todas as fontes da sua sabedoria. Luzes emanam dele, e prostrados aos seus pés estão Sabélio, Averróis e Ário. (Nada nisto é novo. MS Bibliothèque Nationale latin 1684, do século XI, mostra, fol. 1, Atanásio passando por cima de Ário; e a fachada do contemporâneo MS B.N. latin 2079, para ilustrar *Contra Faustum* mostra Agostinho como um bispo, com o seu báculo empurrando Fausto para o chão.)

¹¹ La peinture au pays de Liège et sur lès bords de La Meuse, 2nd Ed. (Liège 1903), 40-41. Eu devo o meu conhecimento disso, como muitos outros objetos de arte associados a Tomás, à valiosa coleção do índice de Arte Cristã de Pinceton, New Jersey.

¹² P. TOESCA, *Miniature Italiane* (Rome 1930) 48 ff.

¹³ R. OFFNER. *Florentine Painting* III 2 (Florence 1930) pt. 1, pl. XIX (2).

¹⁴ M. D. KNOWLES WITH D. OBOLENSKY. *The Middle Ages* (London 1969) pl. C 19.

¹⁵ K. KÜNSTLE. *Ikönographie der christlichen Kunst* (2 vols., Freiburg i. B. 1926-1928) II 559.

¹⁶ Para uma explicação de tais inscrições nas representações sobreviventes, veja G. KAFTAL. *Iconography of Saints in Tuscan Painting* (Florence 1952) 979.

Nós podemos perguntar por que a Ordem de Tomás estava tão relativamente lenta na busca para a canonização e para a aprovação do seu culto, quando a devoção a ele, tanto de taumaturgo e professor divinamente inspirado, estava de modo tão rápido e dominante. Ele já era bem conhecido e a sua morte no caminho para o Concílio de Lion foi lamentada por toda a Igreja Ocidental, e para além dos seus limites. Por que então quase 50 anos decorridos antes dele ser elevado aos altares? Isto foi sugerido, e com grande probabilidade,¹⁷ que o primeiro ímpeto fora dado pelo estabelecimento da independência da província dominicana, e a sua necessidade – e da Universidade de Nápoles, fundado por Frederico II em 1224 – para promover a reputação do maior santo do reino moderno.

Para este objetivo a província de Sicília em 1317 encomendou dois dos seus irmãos, Guilherme de Tocco e Roberto de Benevento, para coletar os materiais necessários para a petição à Santa Sé.¹⁸ Em novembro daquele ano Guilherme estava nos Abruzzi, na casa de Tomás de São Severino, filho de Rogério e de Teodora, a irmã mais nova de Tomás. Depois de uma jornada em Salerno, Guilherme retornava em fevereiro seguinte, e neste tempo encontrou Catherine de Mora, filha de Guilherme de São Severino, irmão mais velho de Rogério, e de Maria, outra irmã de Tomás. Catarina disse que ela tinha aprendido a história de Tomás da própria mãe dele, a sua avó; e no processo de canonização foi recordado que ela é a fonte da história da captura e aprisionamento pela família depois dele se unir aos dominicanos.

Mais tarde, em 1318, Guilherme de Tocco estava em Avignon, onde ele encontrou Bernardo Guido: e é provável que Bernardo então tenha esboçado, a partir da comunicação de Guilherme, os contornos da *Vida* que ele mais tarde veio a publicar. Em 1319 a evidência foi ouvida, em Nápoles de 23 de julho até 26 de Novembro, e em Fossanova de 10 a 26 de novembro. Em 1320-1321 Guilherme completou o segundo, um rascunho correto da sua *Vida*, e em 1324-1326 Bernardo publicou uma revisão do seu trabalho.

Esses não foram os primeiros ou últimos de tais escritos. O dominicano Ptolomeu de Lucca, quem teve pessoalmente familiarizado com Tomás, nos seus *Anais*, reportou a sua morte, o seu nascimento nobre, o seu aprendizado, os seus

¹⁷ Para mim, pelo meu colega FR. JAMES WEISHEIPL. O. P.

¹⁸ O relato cronológico do processo de investigação é derivada particularmente de F. FOSTER, *The Life of St. Thomas Aquinas* (Baltimore), particularmente de Mandonnet, *La canonization*.

estudos sob Alberto, a parte que ele tinha sido destinado para atuar em Lyon para discutir com os gregos milagres (inexplicáveis) em Fossanova, e a primeira disputa sobre os seus restos mortais¹⁹ – um relato digno e factual. Tem havido muita controvérsia, especialmente entre Mandonnet e Prümmer, sobre o valor respectivo dessas fontes, mas os estudiosos mais modernos concordariam com o que Pelster escreveu há meio século atrás: “A biografia de Guilherme de Tocco é, junto com a data de Ptolomeu de Lucca, a história de vida de Tomás que é cronologicamente primeira e a mais importante em conteúdo.”²⁰

A coleta de evidência não tem sido uma tarefa fácil. Bernardo Guido na sua *Vida* se queixou de que os Pregadores por negligência falharam em registrar muitos milagres: e durante o processo Bartolomeu de Cápua disse que era comum e fortemente afirmado que os cistercienses de Fossanova tenham escondido tais milagres com medo de perder o corpo de Tomás. Bartolomeu também iniciou isso quando o secretário de Tomás e fiel companheiro, Reginaldo de Piperno (de longe a mais importante única fonte de informação) estava morrendo, ele tinha confidenciado problemas vitais à causa de Tomás a João Del Giudice, e quando Bartolomeu encontrou João em Anagni, ele o fez trazê-los a ele para conhecimento de Guilherme de Tocco, e, mais tarde, a Bento XI, ele mesmo um dominicano. Nós começamos a ver algumas das dificuldades que Guilherme experimentou, e da qual ele escreveu: “Um certo frade... sua mente era cheia de ansiedade, o seu coração cheio de amor, estava ponderando como ele poderia construir a melhor das histórias de santos de todas as maravilhosas manifestações da sua santidade e as histórias em louvor a ele, todas elas verdadeiras, para que ele pudesse mostrar o que eram a sua procedência, a origem da sua vida, as suas realizações acadêmicas e o seu fim santo...”.²¹ O seu problema estava resolvido pela sua visão em sonho da rede de prata entrelaçada com cadeias douradas e cravejadas com joias multicoloridas. Traduzido em ação, isso parece ter significado que ele decidiu excluir nada com o qual serviria à finalidade que ele lá declarou: ele pretendia fazer uma coleção de maravilhas para ilustrar a natividade de Tomás, a sua vida religiosa, a sua teologia e a sua santa morte. De fato, o objetivo

¹⁹ MGH Script. NS VIII (1930) 146-147, 176-177.

²⁰ “Die älteren Biographien des hl. Thomas von Aquino”, *Zeitschrift für katholische Theologie* 44 (1920) 242-272, 366-397.

²¹ D. PRÜMMER Ed., *Fontes Vitae Sancti Thomae Aquinatis* (Toulouse n.d.) 122-123. Angelico Ferrua, *S. Thomae Aquinatis Vitae Fontes Praecipuae* (Alba 1968) has also been consulted, but this does not provide the critical edition so much needed to supersede Prümmer’s unreliable texts.

de Guilherme é precisamente aquela “demonstração de santidade” com a qual Leão e os seus companheiros tinham rejeitado.

A natividade de Tomás tinha portanto de ser acompanhada pelo evento que sinalizaria o advento da criança de extraordinária santidade. Para o processo de canonização, Guilherme reportou que Catarina de Mora tinha testemunhado a ele em Marsico que Teodora, mãe de Tomás, tinha dito a ela que um eremita chamado “frade Bonus” (embora isso possa significar “um frade eremita da Ordem chamada ‘Bonus’”) tinha vindo para o castelo de Roccasecca e tinha dito a ela: “*Gaude domina quia tu es pregnans et paries filium quem vocabis Thomam...*”, e que ele tinha profetizado que a criança entraria para os dominicanos, ao invés de entrar no Montecassino como a sua família tinha desejado.²² Alguém teria pensado que o latim de Guilherme aqui fez uma alusão a Lucas bastante clara; mas não contente com isso, na *Vita* 1 ele acrescentou que Teodora replicou: “*Nom sum digna talem parere filium, faciat Deus sue beneplacitum voluntatis*”.²³ Isto está no relato que Bernardo Guido segue, apesar de não ser *ad litteram*,²⁴ mas Pedro Calo pode melhorar isso. Segundo ele, o que o eremita disse foi: “*Letare vere o domina, filium enim paries qui vocabitur Thomas, in quo profecto erit abyssus sapientie plenioris*”.²⁵

Tudo o que seguramente nós podemos aduzir disso é que Guilherme afirmou que Catarina tinha dito dele, que a avó dela tinha dito que um eremita tinha profetizado a santidade da sua criança ainda não nascida. Para conduzir esse ponto, o Evangelho de São Lucas, *Regina caeli*, Isidoro de Sevilha têm sido pressionados no serviço: e desde que nós não temos meios de conhecer o que precisamente Teodora disse a Catarina ou Catarina disse a Guilherme, o que seria inútil especular quão retrospectiva ou racionalmente não pode ter sido na forma da primeira história. Mas o ponto essencial não precisa ser duvidado: que Tomás nos seus primeiros dias foi formado no molde de Cristo.

Outra narrativa da infância, aquela do pequeno Tomás no banho, é provavelmente de origem diferente. Teodora, sobre o que teria sido, não fez menção disso a Catarina, ou Catarina a Guilherme. Ao invés disso, Pedro Caracciolo de

²² Ibid. 350.

²³ Ibid. 67.

²⁴ Ibid. 168.

²⁵ Ibid. 18.

Nápoles depôs no processo que Constance Fanisari tinha dito a ele que ela estava presente quando a mãe dele não poderia fazer a parte da criança com o pedaço de papel no qual estava escrito “Ave Maria...”,²⁶ e que ele engoliu. Este último detalhe aparece na *Vita* de Guilherme, com a sua glosa: “...ubi divinitus premonstrabatur in puero quam discreta ruminatio scripturarum in ipso debebat precedere... et quantum saporem dulcedinis doctor sensurus erat...”²⁷ Bernardo Guido tem a história sem a moral;²⁸ porém, mais uma vez, Pedro Calo aprimorou a de Guilherme. Segundo ele, o incidente é “*clare insinuans quod futurus erat armarium scripturarum*”.²⁹ O efeito disto não necessita de comentário.

Mas há uma razão para suspeitar que aqui nós podemos nos deparar com uma “identidade transferida”. Na MS Bibliothèque Nationale français 51 (a tradução de João Du Vignay do *Speculum Historiale* de Vincent de Beauvais), fol. 117c, entre o primeiro e o segundo capítulo da vida de Nicolau de Bari, há uma miniatura ilustrativa. O capítulo 1 termina com o relato do aniversário de Nicolau, o capítulo 2 começa: “*Et quant Il fu orphelin de pere et de mere Il mectoit souvent vne euuangle deuant sez oeilz laquelle euuangle (foll. 177d) dist qui ne renonce a tout ce quil a Il ne puet pas estre mon disciple...*”. A miniatura mostra, no primeiro plano, o pequeno Nicholas despido no seu banho, atendido pela sua enfermeira, no fundo o homem jovem secretamente concedendo ouro para três jovens garotas e sendo recebido pelo bispo. Assim, nós hoje conhecemos quanto a recebida inteiramente ficcional da “Vida” de Nicolau é irrelevante. Nós também sabemos quanto universalmente ela é aceita e representada na literatura medieval tardia e na arte plástica. Isto seria do interesse para saber se alguma outra pintura existe, mostrando a criança no seu banho com um pergaminho, como no afresco em Maastricht de Tomás, mas lendo “*Qui ne renonce...*”. Mesmo na evidência de MS B. N. francês 51 apenas, há uma boa razão para pensar que esta anedota de Tomás pode ter sido emprestada da vida de Nicholas – seja por meio do frade piedoso ou de erro genuíno, não se pode dizer.

Todas as testemunhas concordam que a entrada de Tomás na ordem dos dominicanos tenha sido tempestuosa, dado o sequestro por sua família e a tentativa de induzi-lo a consentir na prostituição. Nós temos visto que isso começou com Catherine, a sua sobrinha, que era aqui a primeira fonte: e não parece haver nenhum

²⁶ Ibid. 395.

²⁷ Ibid. 68.

²⁸ Ibid. 168-169.

²⁹ Ibid. 18.

fundamento para se duvidar dela. Embora tais eventos sejam ainda uma parte do modo de vida do sul italiano, a história não reflete crédito sobre a sua família (mesmo a sua mãe, relutantemente, tinha consentido a abdução), e Guilherme teria duramente arriscado oferecer a eles no momento em que a boa vontade deles estivesse tão necessitada, se ele já não estivesse satisfeito que eles sabiam que a história era verdadeira.

Ao relato da sua tentação pela prostituta, a qual ele se dirigiu com um tição de fogo, foi dado um apêndice, com o qual então se tornou inalienável a partir disso. Guilherme de Tocco disse no processo que o ano anterior em Anagni ele tinha falado com Roberto de Sezze, O.P., que tinha falado com o seu tio, Estêvão, que depois que Tomás tinha mandado a mulher para fora, ele rezava para que nunca mais fosse assaltado por tal tentação, e assim adormeceu. Em uma visão dois anjos apareceram para falar que Deus tinha ouvido a sua oração. Eles pressionaram sobre o seu dorso e disseram: *“Ecce ex parte dei cingimus te cingulo castitatis quod nulla possit temptatione dissolvi”*. Ele chorou alto com a dor e acordou, mas recusou dizer o que o tinha feito gritar. *“Postmodum vero hec et alia multa revelavit predicto socio suo pro eius consolatione”*.³⁰ O texto defeituoso apresentado aqui por Prümmer não mostra claro quem é este *“predecessus socius”*; na falta de evidência nós podemos supor que era Reginaldo, e que isto era parte da sua revelação de morte. Mais tarde, Guilherme disse isso³¹; E Bernardo³² e Pedro Calo³³ o seguiram.

Esta história aparece em toda popularização do culto de Tomás. Nós a encontramos em uma das preces da manhã em um ofício do século XIV para a sua festa:

Orat pressa cruce mirifica

*Renes cingit manas angelica.*³⁴

Na MS Bibliothèque Nationale latin 9473 (França, do século XV), fol. 174v. Tomás em glória no centro é ladeado, à esquerda, por três miniaturas: acima, ele é

³⁰ Ibid. 349.

³¹ Ibid. 75.

³² Ibid. 175.

³³ Ibid. 24.

³⁴ C. U. J. CHEVALIER, *Repertorium hymnologicum* (Louvain 1892-1912, Brussels 1920-1921) 6081; G. M. DREVES, *Analecta hymnica medii aevi* (Leipzig 1886-1922) V 321.

recebido como um garoto por um Pregador, ao centro, ele expulsa a cortesã como observa o seu irmão, abaixo, ele é cingido por anjos. Todos esses incidentes são incluídos em uma cena composta em um painel do início do século XIV, variadamente atribuído, no Museu Estatal de Berlim³⁵. O “*cingulum castitatis*” se torna um dos atributos de Tomás. No final do século XV em uma pintura de Fra Carnovale no Museu Poldi-Pezzoli em Milão, ele usa o hábito preto ao ar livre, sob um capuz que mostra, e fora, a cintura, dando-lhe a aparência mais de um agostiniano.³⁶

As fontes dessa história são tão obscuras que é inútil especular a sua autenticidade: mas, ainda, as suas implicações foram ao mesmo tempo universalmente aceitas: desde a sua juventude, Tomás era de uma pureza angélica. Mas a ideia que a veneração de um cinto promoveria como uma pureza devotada foi muito mais recente. Parece ter sido originada pela venerável Maria Villani (1584-1670), do Convento de São João Batista em Nápoles, através do qual o biógrafo dominicano, Domingos Marchese, recordava que Cristo e Tomás apareceram a ela, Tomás pelo comando de Cristo, brincando com ela com tal cinto enquanto Cristo prometia como uma graça adicional que o presente da castidade fosse concedido para quem usasse com plena fé um cinto de tecido para ela.³⁷ Como já foi dito, é difícil não discernir nisto um espírito de competição com o já estabelecido cinto da irmandade agostiniana.

Nós temos visto que nos ofícios do século XIV esta brincadeira dos anjos com o cinto é associada com a oração de Tomás antes do crucifixo com miraculosas propriedades. Esta colocação é, contudo, fortuita, e a maioria das evidências sugere que este segundo evento é para ser atribuído para os dias posteriores em Nápoles. É, possivelmente, a mais conhecida e mais frequentemente mencionada maravilha de toda a sua vida.

Um dominicano simples alude a ela em termos gerais:

Crucifixus commendabat

Quod de ipso scriptitabat

³⁵ Kaftal, Tuscan Painting 982, onde é corrigida a primeira identificação errônea com Dominic.

³⁶ Künstle II 558, III. 265.

³⁷ C. PERA, “De Sacro Cingulo S. Thomae Aquinatis”, *Xenia Thomistica* III (1925) 486-487.

Tam venusto schemate...³⁸

Outro escrito cita mais de perto:

Crucifixus hunc adfatur

Et promittens consolatur

Se doctori praemium...;³⁹

E um hino dá a anedota original quase textualmente:

Nam cum sacrae corpus cenae

Descripsisset fratribus

Panis, vini substans plene

Solis accidentibus:

De me, Thoma, scriptum bene

Cruz afflavit auribus.⁴⁰

A história, não no contexto que usualmente aparece, mas por outro lado na sua forma mais explícita, é encontrado na *Vida* 34 em Guilherme de Tocco. Domingos de Caserta, o sacristão de Nápoles, uma noite depois da prece da manhã seguiu Tomás para a capela de São Nicolau, e o encontrou em oração, levantado dois côvados no ar. Ele ouviu uma voz falando do crucifixo: “*Thoma, bene scripsisti de me, quam recipier a me pro labore mercedem? Qui respondit: Domine, non nisi te*”. Depois ele escreveu a terceira parte da *Summa*, da Paixão e ressurreição de Cristo, e isto era quase a última parte que ele escreveu, um sinal de que ele já tinha recebido esta recompensa.⁴¹

Bartolomeu de Cápua no seu relato de como Tomás pára de escrever não faz menção, como nós devemos ver, dessa locução: e nós devemos observar que Guilherme, na *Vida* 52, tem uma segunda versão, na qual, quando os mestres de Paris estavam publicamente contradizendo uns aos outros sobre os casos do Santíssimo Sacramento, Tomás pegou o que ele tinha escrito na capela, posto sobre o altar, e orou diante do crucifixo pra falar se era verdade; sobre o qual, de repente, ele viu Cristo em pé sobre as suas notas, e o ouviu dizer: “*Bene de hoc mei corporis sacramento*

³⁸ Chevalier 28104; Dreves XLIV 27.

³⁹ Chevalier 28938; Dreves XXXVII 270.

⁴⁰ Chevalier 31449; Dreves XLIII 294.

⁴¹ *Fontes* 108.

scripsisti.” Permanecendo ali em oração, ele estava levantado um cúbito sobre o ar. Muitos testemunharam isso e relataram aos outros.⁴²

Mais tarde, a tradição parece ter associado este milagre com Nápoles e não com Paris. Em 1595, um relato do conflito no convento de Nápoles entre adeptos e oponentes da reforma concluída por dizer que os vencedores terminaram o dia recitando as ladainhas do Nome de Jesus “na capela do mais sagrado Crucificado que falou com Tomás de Aquino”.⁴³

Nós deveríamos também observar que mais tarde os escritores – João Miguel Pio⁴⁴ e Rafael Carnavali⁴⁵ – afirmam que Tomás recebeu uma terceira locução “*Bene scripsisti*” em Orvieto, enquanto ele estava realizando as suas funções do Sacramento Sagrado.⁴⁶ Mas tradições mais tardias parecem associar o evento diretamente com o crucifixo miraculoso, e apenas indiretamente, sobretudo, com a Eucaristia. Em MS Caius College Cambridge 148, c. 1400, a oração frequentemente atribuída a Tomás, “*Concede michi queso misericors Deus...*” é precedida por esta rubrica: “*Hanc oracionem fecit sanctus Thomas... quam cotidie coram crucifixo dicere solebat. A quo idem Thomas hec verba audire meruit: Bene scripsisti de me Thoma...*”.⁴⁷ Wilmart conservou o julgamento na autenticidade do “*Concede michi*”, porque ele não o tinha encontrado nos manuscritos mais antigos do século XIV; mas ele a reporta para o século XV, MS Bologna University Library 1580, com uma rubrica com um começo similar: “*Oratio beati Thomae de Aquino quam dicebat quotidie cum lacrimis coram crucifixo*”.⁴⁸

Na consideração desses relatos, nós devemos começar por conceder que esta era uma era de miraculosos crucifixos, e que esta, além de qualquer dúvida, é associada cada vez mais às representações naturalistas da paixão de Cristo que começou aproximadamente no ano de 1200, e alcançou seu ápice horripilante com *Christi Leiden in einer Vision geschaut* e com Matias Grünewald. Isto se tornou um clichê das pinturas medievais tardias para indicar a devoção para a Paixão ao mostrar o devoto em oração diante de tal crucifixo. Um clássico exemplo é Francisco,

⁴² Ibid. 125-126.

⁴³ M. MIELE, *La Riforma Domenicana a Napoli... 1583-1725* (Rome 1963) 367.

⁴⁴ *Delle vite degli uomini illustri di San Domenico* (Bologna 1607-1613) 226-227.

⁴⁵ *Vita di S. Tommaso d'Aquino* (Foligno 1882) 150.

⁴⁶ J. V. DE GROOT, *Het Leven van den H. Thomas van Aquino* (Utrecht 1907) 364 n. 3.

⁴⁷ A. I. DOYLE, “*A Prayer attributed to St. Thomas Aquinas*”, *Dominican Studies I* (1948) 231-232.

⁴⁸ A. WILMART, *Autens spirituels et textes dévots Du moyen âge latin* (Paris 1932) 379 n. 1, 584.

recebendo os estigmas de um fogo sobre as asas de um Serafim;⁴⁹ e isto por sua vez é transferido para Catarina de Sena – e.g. no MS Bibliothèque Nationale allemand 34, fol. 1r, a inicial de um Middle High German, tradução de um *Diálogo*.

Abundam histórias correspondentes. O abade de um mosteiro da vizinhança disse como um monge conhecido por ele veio sobre Bernardo de Claraval orando sozinho na igreja. Ele estava prostrado diante do altar, quando um crucifixo apareceu diante dele, o qual ele reverenciou e o beijou. A imagem libertou as suas mãos dos pregos, e pressionou e o abraçou.⁵⁰ Um dia como Francisco orava diante de um crucifixo em São Damião em Assis, ele abriu os lábios para dizer: “Vai e reforma a minha casa, que está caindo em ruínas”⁵¹. No MS Florence Riccardiana 1489, uma parcialmente miscelânea franciscana do século XIV, no fol. 3v, Francisco é mostrado abraçando os pés da cruz e gesticulando em direção à Pobreza; Cristo sangra profusamente nas mãos e nos lados. A irmã Cecília, do convento de Santa Inês em Bolonha, descreveu para o autor de *The Nine Ways of Prayer of St. Dominic* como o santo costumava orar, de pé, prostrado, de joelhos ou diante do crucifixo;⁵² e um manuscrito do *Nine Ways*, Vatican Ross. 3, contém três miniaturas descrevendo isto, em todas elas há abundante derramamento de sangue.⁵³

Se o extático é mostrado no hábito dominicano, a identificação com Tomás ao invés de Domingos será apenas certa se o crucifixo é dado um “*Bene scripsisti*” pergaminho. Mas isto às vezes é transferido, como na apoteose de Tomás por Antonello de Messina no Museu Nacional de Palermo, onde as palavras estão inscritas em um livro realizado por dois anjos para a justiça de Deus Pai, assim roubando a eles dos seus contextos tradicionais.⁵⁴

A era de Tomás estava atraída pelos elementos sensacionais desta anedota: mas eles não prejudicavam a sua real significância – a profundidade da sua devoção para a Paixão e para a Eucaristia, e a intensidade da oração e auto-exame que acompanhou

⁴⁹ E.g. MS Bibliothèque Nationale latin 1288, um breviário franciscano do século XIV, fol. 521 v.

⁵⁰ *Exordium Magne Cisterciense* VII vii, PL 185 419-420.

⁵¹ O. ENGLEBERT. *St. Francis of Assisi* (7th ver. English edn., Chicago 1965) 74, quoting II Celano 10 e 11.

⁵² F. C. LEHNER, *St. Dominic: Biographical Documents* (Washington 1964) 147.

⁵³ *Bibliotheca Sanctorum* IV 694.

⁵⁴ M. GRAGMANN. Trans. N. Ashenbrenner. *The Interior Life of St. Thomas Aquinas* (Milwaukee 1951) 19.

todo o seu trabalho. Walz escreveu: “As visões de Tomás são todas preocupadas com a manifestação da verdade... Essas iluminações divinas vêm a ele em resposta às ardentes orações e jejuns pelos quais ele implorava a graça do entendimento na escuridão e nos problemas difíceis.”⁵⁵

Contudo nós podemos questionar se isto é plenamente verdade, quando nós voltamos a considerar os relatos famosos da sua “última visão”. A fonte imediata é a evidência do processo de Nápoles do chanceler e protonotário Bartolomeu de Capua, quem disse que esta era uma informação dada pela morte de Reginaldo a João Del Giudice, quem a repetiu a Bartolomeu, quem por sua vez a tinha feito conhecida a Guilherme de Tocco e a outros. Segundo Bartolomeu, um dia depois de celebrar a missa na capela de São Nicolau em Nápoles, Tomás estava estranhamente mudado. Ele não escreveria ou ditaria mais nada, e “*suspendit organa scriptiois*” no meio da III, *De Poenitentia*. Reginaldo perguntou a ele como ele poderia deixar inacabado algo tão grandioso, e a sua réplica foi “*Raynalde, non possum*”. Reginald, “*timens ne propter multum studium aliquam incurisset amentiam*”, continuou a incitá-lo, e Tomás diria apenas que tudo o que ele tinha escrito parecia a ele agora nada mais do que palha. Eles foram ficar com a sua irmã, a condessa de San Severino, quem estava tão perturbada pela mudança que ela via, dizendo a Reginaldo que Tomás parecia em torpor, e dificilmente falava com ela. Finalmente, impondo silêncio a Reginaldo até a sua morte, Tomás lhe disse: “*Omnia que scripsi videntur michi palee respectu eorum que vidi et revelata sunt michi*”.⁵⁶ Mais cedo na sua evidência, Bartolomeu tinha recontado como, depois deste incidente, no caminho para Lyon, Tomás “*percussit caput in quadam arbore que ceciderat per transversum ita quod fere stupefactus quodammodo fuit circa casum*”.⁵⁷

No *Vita* 67, Guilherme dá uma versão diferente, na qual é em San Severino que Tomás experimentou o êxtase por uma extraordinária duração de tempo, até Reginaldo se sentiu obrigado a recordar a ele. Ele então suspirou e disse: “*Tibi in secreto revelo, prohibens ne in vita meã alicui audeas revelare. Venit finis scripture mee, quia tália sunt mihi revelata quod ea que scripsi et locui modica mihi videntur; et ex hoc spero in deo quod sicut doctrine*

⁵⁵ A. WALZ, trans. S. BULLOUGH. *St. Thomas Aquinas, a biographical Study* (Westminster, Md., 1951) 171-172.

⁵⁶ Fontes 376-378.

⁵⁷ Ibid. 375.

mee sic cito finis erit et vite".⁵⁸ Esta é a versão repetida por Bernard Guido;⁵⁹ mas também nos dá o essencial.

De toda a lenda, nenhum outro incidente sugere mais claramente uma explanação puramente natural. Muitas autoridades médicas com as quais o presente escritor tem falado sobre isso têm dito independentemente que se apresenta os sintomas padrões de muitos danos cerebrais através de hemorragia: fala comprometida, destreza manual e andar, expectativa de tais ataques, e um violento distúrbio mental. Ainda, por outro lado, nós temos, no relato de Bartolomeu, contudo, o que é verdade, dois intermediários, da própria declaração de Tomás de que o seu distúrbio tinha tomado nele a forma da percepção da divina verdade mais clara do que nunca fora concedida a ele, e totalmente avassaladora. Há fatos como esses que são conhecidos por nós; emitir um juízo sobre eles seria temerário.

A partir de então, nós podemos ver, Tomás viveu em expectativa diária da morte. A obediência o fez se dirigir a Lyons, mas é claro que ele não tinha esperança de chegar lá; e quando ele estava tomado em Fossanova, dizendo que ele queria morrer em uma casa de religiosos, ele proferiu o famoso: "*Hec requies mea em seculum seculi, hic habitabo quoniam elegi eam*" (A versão vulgar do salmo 131,14, o primeiro salmo ferial das vésperas da quinta-feira no Curso dominicano.)⁶⁰ Os monges de Fossanova deram esta tal proeminência nas suas evidências para o processo, desde eles interpretaram isso para significar que o corpo de Tomás não estava tomado; mas as variações dos relatos de onde este tinha dito mostrou quão defeituosa é a memória humana.

Otaviano de Babuco disse que ele, Pedro de Montesangiovanni e outros estavam presentes na chegada de Tomás, e que as palavras foram ditas assim: "*ante chorum ecclesie*".⁶¹ Mas Pedro de Montesangiovanni depôs que era "*in loco pariatori*";⁶² e Nicolau de Fresolino disse que ele tinha ouvido Pedro dizer que isso era "*in ingressu dicti monasterii*".⁶³ Ainda outros variados relatos como o de Bartolomeu de Cápuia e

⁵⁸ Ibid. 120.

⁵⁹ Ibid. 193.

⁶⁰ W. R. BANNIWELL, *A History of Bominican Liturgy* (New York 1944). 136.

⁶¹ *Fontes* 286.

⁶² Ibid. 332.

⁶³ Ibid. 280.

Guilherme de Tocco não precisam ser considerados, como eles não foram testemunhas.

Foi dito o suficiente para mostrar como era o temperamento dos primeiros biógrafos de Tomás – as determinações deles para achar maravilhas em qualquer evento possível, o entusiasmo deles para a aceitação de histórias de autenticidade altamente duvidosa, e o seu remorso moral. Os seus companheiros estudantes em Paris o tinham chamado de “boi mudo”, uma grosseira alusão a sua taciturnidade e circunferência; mas isto é para Guilherme de Tocco uma marca para pendurar o conto de como, em Colônia, ele, em um dia, respondeu tão perfeitamente que Alberto movido pelo espírito de profecia exclamou: “Ele mugirá tão alto quando ensinar que será ouvido por todo o mundo”.⁶⁴ Mais tarde o epíteto é dotado com uma diferente significância; nós somos informados que ele era chamado “*bos sicilie*” por causa da sua grande e formosa estatura, “para ele, o Rei Luís da Sicília e o Rei Pedro de Aragão eram filhos de três irmãs, ‘*ut habetur in hystoriis*’”.⁶⁵ Os senhores de Aquino, de fato, estavam ligados pelo casamento com a dinastia Hohenstaufen,⁶⁶ e então com as casas reais da Sicília, Aragão, Castela e França; mas que Teodora tinha dois reis por sobrinhos é pura ficção.

A história do “boi mudo”, na sua forma primitiva, nos conta apenas da lembrança de Tomás, da paciência e humildade (e que ele tinha uma juventude corpulenta); e então, com todas as outras anedotas, nós podemos buscar, acréscimos e decréscimos, para que a base da verdade na qual, nos seus alusivos e indiretos caminhos, os biógrafos procuraram transmitir.

Todo santo tem o seu próprio e distintivo emblema. Luz e as fontes da luz são de Tomás. Antes do seu corpo ter sido lavado para o enterro, João de Ferentino, subprior de Fossanova, que estava cego, deitou-se sobre ele, colocando os seus olhos sobre o santo; e ao mesmo tempo a sua vista estava curada.⁶⁷ Quando João Coppa, um tabelião de Nápoles, e seu irmão dominicano Bonfiglio visitaram Tomás, que estava doente na cela no convento de Nápoles, ambos viram uma estrela brilhante entrar através da janela e pairava sobre a cama “por tanto tempo como se leva para

⁶⁴ Ibid. 78-79.

⁶⁵ “Quedam pertinentia ad translationem corporis S. Thomae de Aquino”. *Analecto Bollandiana* 58 (1940) 43.

⁶⁶ E. KANTOROWICZ, *Kaiser Friedrich der Zweite* (2 vols., Berlin 1931) índices.

⁶⁷ *Fontes* 335.

dizer uma lenta ‘Ave Maria’”.⁶⁸ Um pregador que viu o garoto em Nápoles e estava espantado pelo seu conhecimento teve três vezes uma visão dele, a sua face brilhando como o sol e iluminando tudo.⁶⁹ Por três noites antes da sua morte, uma estrela como um cometa foi vista sobre Fossanova; e como ele morreu, um dos monges que tinha caído no sono rezando na igreja viu outra estrela, de extraordinário brilho, cair na terra, onde foi seguida por mais duas, todas as três se elevando novamente para os céus.⁷⁰ Guilherme de Tocco em *Vita* 61 repete isso e moraliza: Tomás na sua vida tinha já visto a *lumen gloriae*.⁷¹

Sete séculos se passaram, e nós vivemos em uma era supersticiosa não apenas do que os hagiógrafos como Guilherme de Tocco estavam preparadas para aceitar como evidência, mas de devoções as quais eles procuraram inspirar. Ainda que a santidade de Tomás transcenda tudo isso; ela não pode ser dissociada do seu aprendizado. A sua vida inteira era uma busca unidirecionada e orante da divina verdade; e a sua lenda, à maneira medieval, nos conta ricamente que ele dera o que tinha buscado.

⁶⁸ Ibid. 391-392.

⁶⁹ Ibid. 70.

⁷⁰ Ibid. 133.

⁷¹ Ibid. 134-135.